

Áreas de descarte em sítios arqueológicos Guarani: o caso das lixeiras

Rafael Guedes Milheira (*)

MILHEIRA, R.G. Áreas de descarte em sítios arqueológicos Guarani: o caso das lixeiras. *R. Museu Arq. Etn.*, 24: 3-23, 2014.

Resumo: A questão das áreas de depósitos de refugo secundário em sítios arqueológicos Guarani é um tema que os arqueólogos têm abordado tangencialmente em suas pesquisas. Vários trabalhos demonstram a ocorrência de áreas de atividade em sítios Guarani que se pode definir como estruturas de deposição de lixo. Tais estruturas são comumente descritas, inclusive na literatura internacional, em sítios de diferentes culturas pré-coloniais. Porém, no Brasil, há pesquisadores que não consideram habituais as práticas de limpeza das residências Guarani, argumentando que os artefatos e alimentos, após o uso e consumo, seriam refugados no local da atividade. Pretendo, com este trabalho, demonstrar através de analogias etnográficas que estas estruturas são frequentes em sítios Guarani, assim como, indicar que seu registro é um fator importante para a caracterização e entendimento de aspectos espaciais e sociais da vida nas aldeias.

Palavras-chave: Arqueologia Guarani; Arqueologia do lixo; área de descarte de refugo; área de atividade; prática de limpeza.

Epígrafe

É ao perguntar aos Inuit acerca das diferentes formas de despejo por eles empregadas, a resposta que obtive foi a seguinte: ‘há alguém que goste de se sentar em cima de um osso grande?’ (Binford 1991 [1983]: 191).

Introdução

No ano de 2008, durante o simpósio “Diferentes enfoques no estudo da ocupação Guarani no sul do Brasil, representados em recentes dissertações de Mestrado”, coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Ignácio Schmitz, uma série de

trabalhos foi apresentada trazendo um atualizado panorama da arqueologia dos grupos Guarani no sul do Brasil.¹ Através dos resultados de minha dissertação, desenvolvida na região do município de Pelotas-RS, criou-se um caloroso e rico debate sobre a questão das áreas de refugo secundário em sítios Guarani.

O principal ponto do debate foi sobre a ocorrência em sítios Guarani de áreas de deposição de lixo ou, conforme a definição primeira de Schiffer (1972): áreas de refugo secundário. O debate teve início quando apresentei o contexto do sítio arqueológico PS-03-Totó, locali-

(*) Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ-UFPel) <milheirarafael@gmail.com>

¹ Esse simpósio fez parte da programação do VI Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade Brasileira de Arqueologia (SAB-SUL), que ocorreu na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), em Tubarão, Santa Catarina, no segundo semestre de 2008.

zado na Praia do Laranjal, em Pelotas-RS. Este sítio foi interpretado como uma aldeia, onde foram identificadas estruturas com diferentes funções, como estrutura funerária, de combustão, de habitação e, o ponto questionado: uma estrutura de lixeira localizada à margem do piso de habitação, à beira do arroio Totó, que desemboca nas águas da laguna dos Patos (Milheira 2008a, 2008b; Milheira e Alves 2009; Milheira e Ulguim 2009).

Deste acalorado debate surgiu, portanto, um tema de pesquisa importante para ser abordado arqueologicamente. Se buscamos inferências sociais, demográficas, econômicas ou outras interpretações sobre o comportamento das pessoas que fizeram, usaram e descartaram os artefatos, então, precisamos de modelos teóricos concernentes aos fatores que condicionaram os depósitos de refugos. Neste sentido, a arqueologia do lixo parece um caminho interessante a ser trilhado. No entanto, este tema das lixeiras foi tangencialmente abordado na arqueologia Guarani e carecemos de um aparato teórico e metodológico que auxilie na identificação e interpretação dessas estruturas arqueológicas. Ficou claro que, a despeito de posicionamentos teóricos dos integrantes da mesa, o problema central da discussão foi de ordem metodológica e de entendimento sobre os aspectos composicionais das áreas de refugio em sítios Guarani, mais especificamente, as áreas de deposição de refugos secundário, que podem ser nomeadas genericamente como “áreas de lixeira”.

Entretanto, não é por falta de respaldo teórico que o investimento sobre este tema foi limitado no Brasil. Há muitos anos que a arqueologia norte-americana refina seus fundamentos teóricos em busca de explicar os comportamentos que geram os diferentes contextos que compõem o registro arqueológico. Trabalhos como o de Schiffer (1972, 1987), Binford (1981, 1991 [1983]), Hayden e Cannon (1983), Rathje e Murphy (1992), Wilson (1994) e Beck e Hill Jr. (2004), chamam a atenção para o entendimento de um fluxograma do ciclo de vida dos objetos que compõem o registro arqueológico, buscando explicar os diferentes comportamentos culturais que o geram em suas mais variadas dinâmicas, inclusive, na conformação de áreas de refugio.

Este texto trata da questão específica sobre o comportamento de higienização dos espaços domésticos e a constituição de áreas comunais de descarte de lixo. Vai de encontro ao senso comum sobre a sujeira das aldeias e dos seus espaços, como estabeleceram Martius (1939) e outros autores do século XIX, definidores da perspectiva “degenerativa” sobre as sociedades ameríndias. Dedicada visão esta que tem sua origem numa ciência novecentista e que vai muito além do reconhecimento ou não de áreas de refugio (Clastres 1974; Noelli e Ferreira 2007).

O tema das áreas de refugio em sítios Guarani será abordado com base em analogia etnográfica. Através de exemplos arqueológicos articulados aos dados etno-históricos e etnográficos será composto um modelo teórico *cross-cultural* que busque fornecer subsídios para identificação destas estruturas de refugio nos sítios arqueológicos. No entanto, sem perder de vista a reflexão teórica sobre os significados de tais estruturas, que, por sua vez, são correlatos de comportamentos de higienização, ordenação e estruturação sistêmica do espaço das aldeias Guarani. Neste momento o trabalho não irá focar nos aspectos simbólicos das áreas de refugio. Não abordarei a simbologia e a representatividade cultural que essas áreas adquirem através de seu efeito agregador ao longo de sua “história de vida”, nem tampouco me debruçarei sobre a perspectiva cosmológica que envolve a relação entre humanos, seus dejetos e o mundo-não-humano.

O Lixo e as teorias. As teorias do lixo

O estudo das estruturas de refugio tem de longa data uma ampla literatura.² Com o

2 Diversos termos foram criados e reproduzidos na literatura internacional para definir os materiais descartados que compõem as diferentes formas de refugio. “Garbage”, “trash”, “refuse”, “rubbish” são termos sinônimos na linguagem informal, mas adquiriram significados distintos na literatura especializada. “Trash” refere-se especificamente a descarte seco. “Garbage” é usado para definir o descarte orgânico “Refusal” engloba ambos os tipos de descarte (seco e orgânico). Já o termo “Rubbish” é mais amplo e engloba todo tipo de descarte humano, incluindo detritos de construções e demolições.

advento da arqueologia processual cresceu paulatinamente o interesse pelas relações espaciais sistêmicas e funcionais que compõem o registro arqueológico, relações estas percebidas através do estudo dos processos culturais e naturais de formação do registro (Binford 1981; Schiffer 1972). A perspectiva sistêmica da Nova Arqueologia se fundamenta na ideia de que as estruturas funcionais dos contextos arqueológicos são o resultado de atividades comportamentais específicas, as quais, ao serem entendidas, permitem elucidar questões sobre o comportamento humano e os processos culturais que geraram o registro arqueológico (Schiffer 1972). Neste sentido, as áreas de refugo, entendidas como o correlato de atividades comportamentais, seriam um *locus* de análise arqueológica de grande potencial para o entendimento dos processos sistêmicos do comportamento humano.

Schiffer (1972: 163) formaliza o conceito de refugo, tornando explícito que a operacionalização de atividades de produção, consumo e manutenção dos objetos resulta em diferentes formas de depósitos. Partindo do pressuposto de que os diferentes tipos de refugo identificados nos sítios arqueológicos podem não ter sido depositados no local de suas atividades, o autor contrastou os conceitos de: *refugo primário* (materiais descartados no seu lugar de uso); *refugo secundário* (artefatos descartados longe de seu lugar de uso); e *refugo de fato* (materiais deixados no seu local de uso ou estocagem no abandono de uma área de atividade ou assentamento).

Wilson (1994: 43-44), por sua vez, buscando refinar o conceito de refugo secundário em dois tipos, considera os dados empíricos relacionados ao formato das estruturas e à densidade de materiais. Para este autor:

a) *Lixo superficial* – refere-se às estruturas fugazes e espalhadas de baixa densidade de materiais de refugo secundário, mas que podem também incluir refugo primário e refugo de fato. Este tipo de estrutura sugere que, em mui-

tos casos, o lixo é depositado intencionalmente formando um refugo de descarte direto. Porém, Beck e Hill Jr. (2004), em suas experiências etnográficas entre a etnia Kalinga, nas Filipinas, consideram o refugo superficial não como lixeiras propriamente ditas, mas como um tipo de refugo agregado indiretamente. Os autores verificaram que o refugo resulta de ações de trânsito das pessoas, perda de materiais, uso dos materiais orgânicos para alimentação dos animais, ou mesmo, por ações naturais.

b) *Refugo secundário agregado*, entendido como termo genérico que soluciona a miríade de termos relativos aos depósitos de materiais em diferentes áreas e com alta densidade. Este conceito inclui refugos secundários descartados em locais como poços, depósitos de lixo, entulhos e montículos de lixo. Este tipo de refugo resulta de um comportamento estrutural da cultura, sendo o local de depósitos definido em comum acordo entre os membros da comunidade.

A discussão sobre a questão das lixeiras teve grande influência através do projeto “*Archaeology of Garbage*”, coordenado por William Rathje da Universidade do Arizona. Esse projeto realizado desde 1974 por um grande time de arqueólogos, engenheiros e biólogos teve como objetivo central aplicar arqueologia para investigar o comportamento humano no passado através do presente. Ao inaugurar a arqueologia do lixo ou “*garbology*” o autor contribuiu não apenas para aspectos teóricos da disciplina, mas também para um campo de pesquisa efervescente nos anos 1970: a etnoarqueologia. Em linhas gerais, Rathje e Murphy (1992: 10-13) entendem a composição de lixo como uma assinatura inequívoca da presença humana. Trata-se de um correlato do comportamento humano que representa uma cadeia de ações antrópicas com variados significados ao longo da história humana. O lixo é uma chave que liga o passado ao presente. É um contexto material que reflete comportamentos das sociedades passadas através de milhares de fragmentos materiais. Para esses autores, inclusive, não seria nenhum disparate considerar que a arqueologia tem grande parte de sua história relacionada ao estudo do

“*Midden*” e “*pit*” também são termos recorrentes na literatura e referem-se, respectivamente, a depósitos em montículos em covas (Rathje e Murphy 1992, p. 9).

lixo em diferentes contextos arqueológicos e em diferentes conjunturas sociais. Desde os detritos de lascamento do primeiro artefato lítico até os grandes acúmulos de lixo nas maiores capitais do mundo, existe uma linha ininterrupta de comportamento humano que liga o passado ao presente e que pode ser entendida arqueologicamente. O lixo em suas mais variadas conformações está presente em nossas vidas desde os primeiros passos da espécie humana como um comportamento cultural, sendo, portanto, um lócus de ação de grande interesse arqueológico.

Para o entendimento destas estruturas, é importante que se tenha conhecimento sobre os padrões de comportamento que geram os refugos. Alguns estudos buscam entender a relação entre o refugio das casas, das famílias e seus depósitos dentro das estruturas, porém, tem sido encorajado por Hayden e Cannon (1983) que se estude o lixo fora das estruturas. É importante saber que tipo de materiais são geralmente presentes nos contextos e se determinados depósitos de refugio representam toda comunidade ou apenas uma parcela da mesma. Da mesma forma, é interessante pensar como o contexto de abandono afeta a formação dos depósitos secundários deixados pela comunidade, tanto em situações normais da vida quotidiana, como em situações de tensão social (Hayden e Cannon 1983).

Em suma, estudos em áreas de descarte permitem a geração de hipóteses sobre as relações espaciais de composição do contexto arqueológico, sobre o modo de uso dos artefatos, de reutilização, estocagem, manufatura, procura e manutenção, assim como fenômenos sociais relativos à etnicidade, status e relações de poder (Wilson 1994). Além disso, tais estruturas permitem gerar hipóteses sobre as relações de parentesco, normas comunitárias e as escolhas individuais, padrões de descarte e uso de utensílios domésticos, assim como são fenômenos que se prestam à comparação em diferentes contextos culturais (Beck e Hill Jr. 2004; Beck 2006). Questões relacionadas às diferentes esferas das sociedades podem ser estudadas através dos depósitos de refugio. Desde o nível da família e seus padrões de consumo e descarte no interior ou fora das residências de

famílias nucleares e/ou extensas, até vilas ou aldeias inteiras e, até mesmo, padrões coletivos e amplos de cidades modernas. Pode-se inferir sobre aspectos socioeconômicos, sobre aspectos demográficos e sociológicos, o que confere aos depósitos de refugos um grande potencial de pesquisa (Hayden e Cannon 1983; Rathje e Murphy 1992; Allison 1999).

Áreas de refugio secundário: exemplos arqueológicos, etnográficos e etno-históricos

Várias fontes devem ser utilizadas para a identificação de áreas de refugio secundário em sítios Guarani. É importante lembrar que uma gama de estudos produzidos precisa ser articulada para buscarmos uma forma de identificar as estruturas referentes às diferentes áreas de depósitos de refugio em sítios Guarani. Dividirei três campos onde se pode capturar exemplos de informações empíricas e teóricas sobre este tema: exemplos arqueológicos, etnográficos e etno-históricos.

Exemplos arqueológicos

Projeto Candelária, Candelária-RS

No campo arqueológico poucos foram os trabalhos dedicados à questão das áreas de refugio em sítios Guarani. O primeiro trabalho a tratar do tema é a publicação relativa ao Projeto Candelária (Schmitz *et al.* 1990). Através deste projeto foi realizada a escavação de três casas de uma aldeia Guarani (Casas A, B e C) alinhadas à margem do rio Pardo, afluente do rio Jacuí, em uma área de aproximadamente 350 m², dividida em quadras de 1 m².

No que se refere à questão específica das áreas de refugio secundário como possíveis áreas de atividade dentro do espaço da aldeia, os autores consideraram três diferentes possibilidades contextuais para cada uma das casas. A casa “B” teria um espaço unitário, com uma área de fogo e cocção e ao seu redor áreas de atividades artesanais ou de alimentação. Essa forma unitária da composição da habitação

deu margem a pensar que se trataria de uma unidade cronológica de habitação sem sobreposições de ocupação. Além das atividades de artesanaria e cocção, os autores consideraram a hipótese de que “atividades seriam desenvolvidas fora da casa ou “seus rejeitos varridos da casa” (Schmitz *et al.* 1990: 96).

A casa “A” tem a distribuição de materiais menos definida que a casa “B”. Apresenta um local de fogueira numa das extremidades da casa, em que no centro, encontra-se um contexto mais difuso pelas ações pós-deposicionais ou pela dinâmica de uso do espaço. Esta indefinição nas áreas de atividades indicou que, neste espaço habitacional, poderia ter havido sobreposições de ocupação e deslocamento. No que tange à questão do lixo, os autores consideram que “as habitações eram limpas, retirando os materiais incômodos, ou as atividades correspondentes eram desenvolvidas no espaço exterior às habitações. A primeira alternativa parece mais viável se atentarmos para um acúmulo grande de outros resíduos, como ossos e fragmentos de cerâmica” (Schmitz *et al.* 1990: 97).

A casa “C”, por sua vez, parece ter uma disposição de materiais ao redor de dois núcleos, podendo ser áreas de fogo, mas com contextos pouco definidos devido à distribuição diferencial do material. A caracterização difusa do contexto também foi encarada como sinal de reocupação do espaço habitacional.

Sobre a aldeia em geral os autores comentam que “este espaço habitado parece não ter sido mantido limpo, mas os refugos se iriam acumulando dentro dele, formando uma camada bastante espessa de aproximadamente 30 cm. Um total de 36.000 fragmentos de cerâmica dentro das três casas é bem significativo disso. Parece que na maior parte dos casos, as aldeias indígenas mantêm as habitações limpas e varridas, sendo o lixo e materiais inservíveis colocados em lixeiras na proximidade da área construída. No sítio em estudo não se viram lixeiras. Em outros sítios da tradição cerâmica Tupiguarani, estudados no sul do Brasil, também não se observou este fenômeno e todos os arqueólogos têm atribuído aos espaços das casas os materiais dispostos em manchas elípticas ou subcirculares” (Schmitz *et al.* 1990: 98).

Sítio arqueológico PS-03-Totó. Pelotas-RS

O sítio arqueológico Guarani PS-03-Totó localiza-se à margem da laguna dos Patos e do arroio Totó, no município de Pelotas-RS. Através de três campanhas arqueológicas, realizadas entre 2007 e 2010, foi feito um mapeamento de estruturas arqueológicas, prospecções e escavações de áreas amplas para o entendimento funcional e sistêmico das estruturas (Milheira 2008a, 2008b). Além da escavação de uma urna funerária, escavou-se em duas campanhas uma área de 77 m² que sugere ser um piso de habitação formado por uma mancha de terra preta e estruturas de combustão típicas de espaço residencial, onde obteve-se a data radiocarbônica de 510 ± 40 A.P.³ (Alves 2010; Milheira 2008a). À margem desta estrutura de habitação, à beira do arroio Totó, foi escavada uma área de 4 m² caracterizada como um “pacote” de terra antropogênica, associada a centenas de fragmentos de cerâmica, lítico, vestígios arqueofaunísticos, vegetais e uma grande quantidade de carvões (Milheira 2008a, 2008b; Milheira e Alves 2009; Milheira e Ulgum 2010). Esta estrutura interpretada como uma área de descarte de lixo foi datada pelo método radiocarbônico em 530 ± 40 A.P.,⁴ demonstrando contemporaneidade entre a área de habitação e de lixeira.

Os materiais coletados na estrutura de terra preta com 4 m² totalizam 1051 peças arqueológicas. Do ponto de vista qualitativo, há uma variedade significativa de dimensões de potes, desde vasilhas com espessuras finas de 4 a 10 mm, até vasilhas com espessuras grossas entre 12 e 22 mm que remontam a potes de pequenas, médias e grandes proporções. Assim como há potes de variadas dimensões, há também variados tipos de potes usados para funções distintas. Ocorrem desde vasilhas destinadas ao uso cotidiano para o preparo

3 O horizonte cronológico calibrado em 2 Sigma fica entre 1330 e 1340 A.D. (Cal BP 620 to 610). Protocolo Beta: 282128.

4 O horizonte cronológico calibrado em 2 sigma fica entre 1320 a 1350 AD (Cal BP 630 a 600). Protocolo Beta: 237665.

e consumo de alimentos, como as caçarolas, panelas, pratos e tigelas, até vasilhas para o preparo e armazenamento de líquidos, denominadas talhas. Por outro lado, nota-se uma grande variedade de tratamento de superfície das vasilhas, desde superfícies alisadas até decoradas com variadas plasticidades, pinturas e engobos (Milheira 2008a, 2008b).

Os materiais líticos registrados na estrutura de terra preta têm um padrão de descarte bastante claro, que diz respeito a sua exploração exaustiva. É o caso, por exemplo, das lascas e fragmentos de lascas que são resíduos de confecção de instrumentos líticos, assim como os núcleos e os afiadores em canaleta e as lâminas de machado de basalto, que fragmentadas não poderiam mais ser usuais em sua função primária. Sugeriu-se que estes materiais, após terem sido utilizados até sua total ou quase total exaustão, fossem depositados como refugio à beira do arroio, juntamente a centenas de ou-

tros detritos materiais (Milheira 2008a, 2008b; Milheira e Alves 2009).

Não se percebeu, na estrutura de lixeira, uma articulação funcional relativa a estruturas arqueológicas de caráter arquitetônico, de combustão ou mesmo funerária, contrastando com o piso de habitação, onde estas estruturas aparecem muito claras no registro arqueológico. Levando os dados qualitativos e quantitativos em consideração, o registro arqueológico relativo à estrutura de terra preta pode ser definido sucintamente da seguinte forma: trata-se de um conjunto de fragmentos cerâmicos de diferentes tipos de potes, lascas e instrumentos líticos bastante explorados até a exaustão, restos de alimentação e grande quantidade de carvões. Esses materiais se encontram associados a um “pacote” de terra preta formado pela decomposição e queima de matéria orgânica, dado este que é atestado pela carbonização e calcinamento de vestígios arqueofaunísticos e

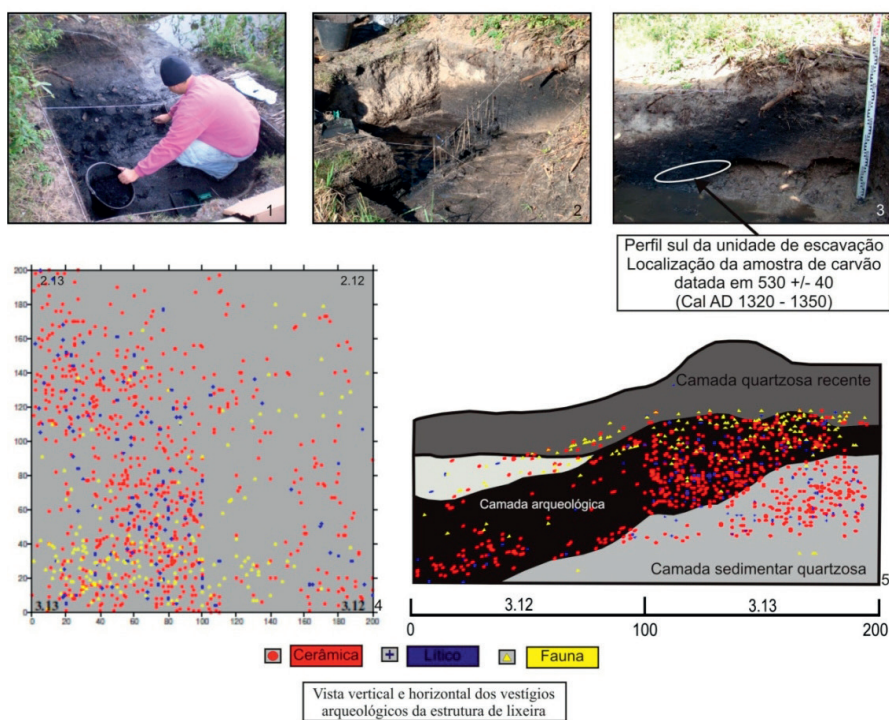


Fig. 1. Escavação da estrutura de lixeira, sítio PS-03-Totó; (2,3) Perfil sul da estrutura de lixeira com localização da amostra para datação (4); Gráfico de distribuição horizontal dos vestígios arqueológicos na estrutura de lixeira (5); Desenho de perfil estratigráfico da parede sul das quadras 3.12 e 3.13, demonstrando a alta densidade de materiais.

pela grande quantidade de carvão. Os vestígios arqueofaunísticos sugerem comportamento de higienização das vivendas e acúmulo destes refugos em uma área específica do espaço da aldeia. Sendo assim, é possível interpretar a área descrita como uma estrutura de deposição de refugos, em que os materiais parecem ter sido acumulados no local e posteriormente queimados (Milheira e Ulguim 2009) (fig. 1).

Sítio arqueológico RS-LC-94, RS

O levantamento de sítios arqueológicos no litoral central do Rio Grande do Sul, realizado pela equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, registrou a ocorrência de dezenas de sítios das culturas Guarani e Taquara (Rogge 2006). Alguns dos sítios Guarani são compostos por grande quantidade de conchas. O sítio RS-LC-94 foi identificado em uma área de aproximadamente 600 m², onde foram localizados vários pontos com presença de fragmentos de conchas de *Mesodesma macroides* e *Megalobulimus* sp. Em um dos pontos com conchas foi feita uma escavação de duas

quadras contínuas de 2 m x 2 m, em níveis artificiais de 10 cm, totalizando 8 m². “A escavação mostrou uma lente bem delimitada de sedimentos escuros com conchas quebradas, além de uma espécie de “fossa culinária”. Nessa fossa, com 0,50 m x 0,50 m de área e 0,30 m de profundidade, foi feita coleta total do material arqueológico contido em seu interior, podendo ser parcialmente identificados restos de valvas inteiras de *Mesodesma* sp, juntamente com ossos de peixes, mamíferos terrestres e répteis. Junto ao material dessa “lixeria”, foram encontrados fragmentos de cerâmica da Tradição Tupiguarani” (Rogge 2006: 144-145). (fig. 2)

Sítio arqueológico RST-114. Marques de Souza, RS

Através de um estudo de caso em uma antiga aldeia Guarani localizada às margens do rio Forqueta, no vale do rio Taquari, Fiegenbaum (2009) desenvolveu escavações em um total de 135 m² em duas áreas. A primeira área é um talude de alta declividade em direção ao rio Forqueta, onde foram realizadas

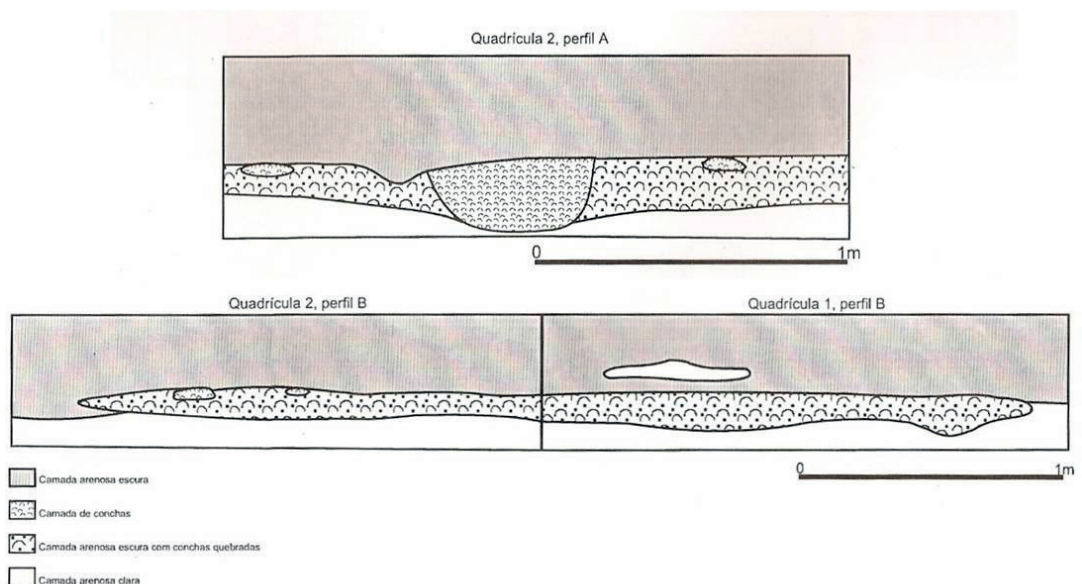


Fig. 2. Perfil estratigráfico do sítio RS-LC-94 indicando a estrutura de conchas e a “fossa culinária” ou “lixeria” em formato de bolsão de conchas associado à cerâmica Guarani. Adaptado de Rogge (2006: 170).

escavações escalonadas, respeitando a declividade do terreno. Nesta área foi identificado um solo antropogênico de terra preta que se configura como um bolsão desde a superfície e vai aumentando em espessura (alcançando até 30 cm), na medida em que avança em direção ao rio. Nessa área de escavação foi identificada grande concentração de materiais cerâmicos, líticos, carbônicos e faunísticos, sem, no entanto, “explicitar nenhuma estrutura de habitação ou de combustão, apesar do grande número de pedras de fogo, fragmentos de carvão e restos faunísticos” (Fiegenbaum 2009: 189). A segunda área de escavação do sítio situa-se na planície acima do talude, onde o autor define como a área de habitação da aldeia. É um espaço composto por uma concentração de materiais arqueológicos que ocorrem entre 15 e 30 cm de profundidade, mas sem uma camada antropogênica aparente, talvez em virtude dos 50 anos de uso do solo como área de plantio com uso de arado tradicional e mecânico pelos atuais agricultores da região.

Pensando na relação funcional entre essas duas áreas, o autor pondera que nem sempre as áreas de habitação são limpas. “Apesar de a deposição em declive poder sugerir uma lixeira, outros sítios escavados mostram que o material continua sendo mantido dentro da habitação (...). Também seria difícil explicar qual seria a necessidade de remover minúsculos ossinhos de peixes, anfíbios e outros animais e reuni-los num lugar à parte quando dentro da casa você tem quantidade de recipientes quebrados e pedras de fogo” (Fiegenbaum 2009: 189). Neste caso, a área de talude seria simultaneamente uma área de lixeira e de habitação. A dificuldade do autor se dá exatamente pela ausência de métodos de identificação das lixeiras referente à literatura específica sobre o tema. Segundo Fiegenbaum, “as áreas de descarte não precisam ser uma constante nos sítios arqueológicos Tupiguarani. Não se encontra na bibliografia arqueológica brasileira um estudo mais apurado que possa sinalizar uma regra na localização, análise ou interpretação dessas estruturas” (Fiegenbaum 2009: 196).

Sítio arqueológico RS-JC-57 Wilmoth Röpke. Ibarama, RS

O sítio Röpke localiza-se à margem do rio Jacuí, compondo um complexo de antigas aldeias Guarani que foi estudado em particular para a composição da tese de Soares (2004). Através de uma metodologia que integrou técnicas de abertura de área ampla em níveis naturais para escavação do piso de habitação da aldeia e retificação de taludes com escalonamento, foi possível delimitar a área do sítio arqueológico, bem como identificar áreas de atividade e de descarte em subsolo. Através de cortes no talude do rio foi exposta uma estratigrafia complexa, na qual as camadas compunham-se de areia grossa fluvial de composição arenoargilosa intercaladas por lentes de solo antropogênico ricas em evidências cerâmicas, líticas e bioarqueológicas. Estas lentes de solo antropogênico são relativamente uniformes, com as extremidades delgadas e o centro um pouco mais espesso, aparecendo em todo o corte de 8m de altura, realizado num terraço de 45° à beira do rio. Justamente o que permitiu ao arqueólogo definir esta estrutura como uma área de descarte e não como um sítio impactado foi a observação da heterogeneidade complexa da estratigrafia e a presença de artefatos somente nos núcleos de solo antropogênico, uma vez que, no entorno desses, os sedimentos são estéreis (Soares 2004: 41-42). É interessante notar pelo croqui da escavação que a lixeira se situa fora área de habitação, corroborando o padrão de distanciamento percebido no sítio Totó (Milheira 2008), no sítio RS-T-114 (Fiegenbaum 2009) e no sítio Cavalão Branco (Almeida 2008, a seguir). Ou seja, embora as distâncias sejam variáveis entre ambas as áreas do sítio, o comportamento de depositar refugos fora do espaço interno da aldeia apresenta-se como um padrão observável em distintos contextos.

Sítio arqueológico Cavalão Branco. Marabá, PA

Os resultados da pesquisa de Almeida (2008) não são relativos a contextos Guarani, mas além de elucidar um contexto interpretado como uma lixeira, trazem informações importantes sobre os dados do registro arqueológico

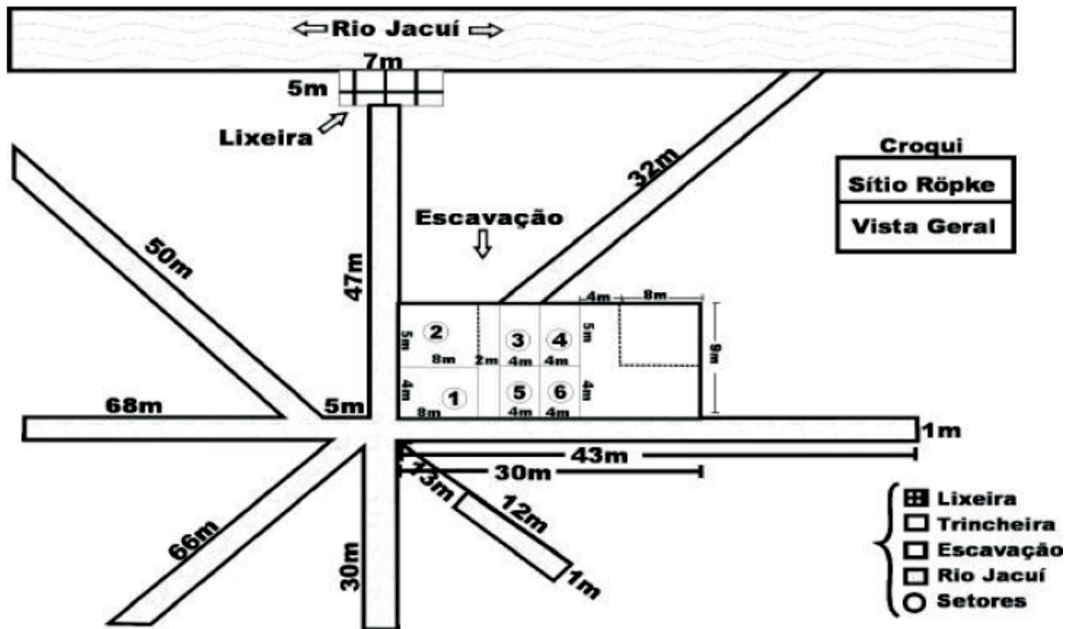


Fig. 3. Croqui da localização do núcleo de solo antropogênico com relação à estrutura de descarte (lixreira) à beira do rio Jacuí. Modificado de Soares (2004: 146).



Fig. 4. Perfil do talude retificado demonstrando lente de solo antropogênico relativo à estrutura de descarte (lixreira). Adaptado de Soares (2004: 150).

e sobre a metodologia utilizada. O estudo foi realizado em um sítio Tupinambá da Amazônia oriental. Neste caso, lembramos que há uma matriz cultural em comum que estrutura o modo de vida dos membros da família Tupi-Guarani. Esta aproximação cultural sugere uma correlação comportamental entre os grupos Tupi da América do Sul, o que permite comparar contextos de ambas as culturas (sobre esta discussão ver: Clastres 1974; Noelli 1993; 1996; Assis 1996).

A identificação de uma área elevada com sedimento escuro no entorno de uma estrutura de habitação no sítio Cavallo Branco levou os pesquisadores a desconfiar de uma possível área de lixeira (Almeida 2008). O montículo de terra com dimensões de 15 m x 25 m e 64 cm de altura foi escavado através de uma trincheira de 8 m x 70 cm, apontando para uma grande quantidade de materiais localizados no centro da elevação (fragmentos de cerâmica, carvão, fauna, rochas minerais sem marcas de uso e materiais líticos) que indicam uma frequência mais densa no centro, em detrimento da periferia do montículo, onde a frequência decai paulatinamente a partir do centro.

Além disso, na visão do autor, não é apenas a frequência e tipos de materiais identificados neste contexto que corroboram a ideia de que se trate de uma área de deposição de refugio secundário. Para o autor, a altura do montículo com relação ao restante das áreas de habitação do sítio sugere que o mesmo não tenha sido construído para servir como espaço de habitação. Trata-se de uma área diferente das demais,

no que se refere à composição do registro arqueológico. O montículo possui uma estratigrafia mais profunda e fragmentos cerâmicos desarticulados, enquanto que nas áreas de habitação possui uma estratigrafia com 10 a 15 cm de cerâmica *in situ*, onde vasilhas praticamente inteiras foram identificadas, sugerindo se tratar de regufo primário. Por fim, a localização periférica do montículo frente ao restante da área de habitação também sugere que esta área seja uma estrutura de lixeira (fig.5).

Exemplos etnográficos

As áreas de refugio secundário, comumente conhecidas como lixeiras, são encontradas corriqueiramente no registro etnográfico. Em um trabalho sobre a questão da variabilidade tecnológica da cerâmica Asuriní, Silva (2000a, 2000b, 2008) realizou uma série de estudos etnográficos entre os Asuriní do Xingu (locados na terra indígena Koatinemu – Pará. Grupos falantes da família linguística Tupi-Guarani). No mesmo trabalho, Silva (2000a, 2000b) mostra dados importantes sobre a cestaria dos grupos Xikrin e seu processo de descarte (locados na terra indígena do Cateté – Pará. Falantes da família linguística Jê), realizando, por fim, um estudo comparativo sobre os processos de formação do registro arqueológico em ambas as culturas.

Com o objetivo de entender o processo de formação do registro arqueológico a partir das dinâmicas de descarte de cerâmicas, Silva (2000a, 2008) propõe que no contexto Asuriní,

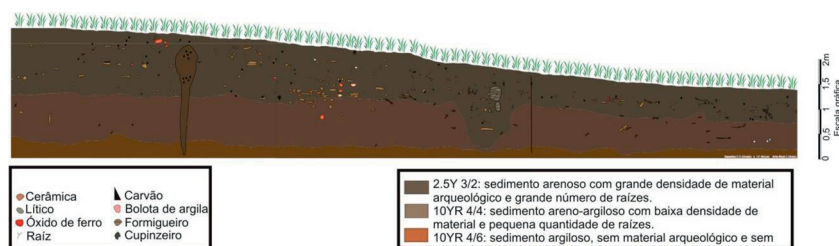


Fig. 5. Desenho estratigráfico da área do montículo do sítio Cavallo Branco representando as camadas de solo antropogênico com a dispersão dos materiais arqueológicos que permitiram ao autor definir este espaço como uma lixeira. Modificado de Almeida (2008).

a dinâmica do descarte ocorre, principalmente, em consonância com os processos de limpeza das distintas áreas de atividades, processos estes que não ocorrem necessariamente todo dia. No que se refere aos espaços de convivência no interior da aldeia, os Asuriní configuram seu espaço em áreas de atividades públicas e privadas. As áreas públicas são aquelas reservadas à *performance* de atividades ritualísticas e atividades comunais como ações políticas, administrativas, sociais e econômicas, geralmente em desenvolvimento em praças cerimoniais e na casa comunal – *tavyva*. Estes espaços são limpos frequentemente pelos indivíduos da aldeia, cuja responsabilidade de cada um é limpar o espaço à frente de suas residências. Por outro lado, as áreas de atividades privada são as unidades domésticas, estruturas de estocagem, instalações de cozinha e pátios, cuja responsabilidade de limpeza compete aos moradores e usuários diretos destas áreas.

No que se refere às áreas de descarte, Silva (2008) apresenta três formas distintas: (1) dejetos dispersos na periferia da aldeia, geralmente embaixo de áreas de atividade doméstica; (2) concentrados em forma de montículos, em torno das áreas domésticas e (3) na forma de covas em áreas externas entre estruturas domésticas. No primeiro caso, as áreas de descarte são extensivas, rasas escondidas sob a vegetação e, às vezes, de difícil identificação. No segundo

caso, porém, formam amontoados de lixo que chegam a atingir uma área de até 40 m² e 2 m de altura. As covas que formam estruturas de lixeira se localizam no pátio entre as casas e são escavadas no solo, apresentando em torno de 8 m² de área por 1 m de profundidade.

Em todos esses locais são depositados todos os tipos de vestígios, à exceção das lixeiras cavadas, onde raramente são depositados restos de alimentos de origem animal, como vísceras, peles ou carapaças. É perceptível uma grande variação de comportamento de descarte que envolve os diferentes materiais orgânicos e inorgânicos usados no cotidiano dos aldeões. Sobre a cerâmica, principal objeto de análise da autora, o comportamento de descarte depende das várias formas de confecção, uso, reciclagem, ciclagem lateral e representação simbólica que envolve a relação entre as oleiras e as vasilhas. Neste sentido, cada vez que um lugar público ou privado é limpo, uma série de fragmentos cerâmicos é recolhida, juntamente com os demais vestígios das atividades quotidianas, sendo transportados para as áreas de descarte. Este comportamento gera variações nos padrões de descarte em composição, forma e frequência das estruturas de lixeira (Silva 2000a, 2000b, 2008). (fig. 6).

Entre os Xikrin, as áreas de refugo secundário apresentam-se de forma diferenciada do que



Fig. 6. Estrutura de lixeira em formato de cova na aldeia Asuriní. Foto retirada de Silva (2008: 260).

foi observado entre os Asuriní. Neste contexto cultural, as lixeiras se situam de forma extensiva pelo *atukmã* - área intermediária entre a aldeia e a mata. É o espaço onde estão localizados os cemitérios e onde as pessoas costumam fazer suas necessidades fisiológicas. É também onde as crianças costumam desenvolver suas brincadeiras. Segundo a autora, “quando se chega à aldeia Xikrin, a impressão que se tem é, justamente, a de que atrás das casas há um círculo de deposição de vestígios. Estes podendo, inclusive, ser depositados muito próximos das áreas de atividades domésticas” (Silva 2000a: 222).

Assim como entre os Asuriní, nas áreas de descarte dos Xikrin podem ser encontrados todos os tipos de refugos, mas o que predomina são os vestígios de materiais feitos com folhas de palmeiras e, principalmente, os cestos. Em ambos os contextos culturais, o lixo pode ser queimado e costuma ser revolvido, tanto pelas crianças que brincam nestas áreas, como pelos animais domésticos que buscam restos de alimentos.

Schmidt e Heckenberger (2009) também identificaram estruturas de lixeira entre os Kuikuru (grupos Arawak do alto Xingu. Falantes de língua Carib). Os pesquisadores identificaram diferentes formas de depósito de objetos orgânicos e inorgânicos em áreas periféricas à aldeia, nos caminhos das aldeias e, até mesmo em formato de montículos de 40 cm atrás das habitações, ainda no entorno da aldeia. Os dejetos são geralmente cinzas e carvão, pedaços de madeira, cascas e fibras de mandioca, peixes e restos de fauna, gordura, folhas, restos de frutas, fibra de palmeira e cerâmicas quebradas. Sua decomposição gera solos de coloração escura, típicos das lixeiras (Schmidt e Heckenberger 2009: 175).

Todas as formas de deposição de refugos são conscientemente compostas no intuito de criar áreas produtivas no entorno da aldeia. Trata-se de uma forma de enriquecer o solo, tornando-o adubado e rico em nutrientes que pode vir a ser utilizado como área de roça. A lixeira, nesse caso, é, em grande parte, o resultado de acumulação de dejetos orgânicos. Uma “compostagem”, que denota uma forma de manejo do solo, um elemento de domesticação da paisagem relativa ao microespaço das aldeias.

Numa perspectiva semelhante, Moi (2007) também identificou estruturas de refugio secundário resultado de atividades domésticas e públicas nas aldeias Xerente (locados na banda leste do rio Tocantins, estado do Tocantins. Falantes da família linguística Jê). Segundo a autora, “há muito pouco refugio primário no espaço doméstico Xerente, pois é costume varrê-lo periodicamente” (Moi 2007: 120). Como áreas de refugio foram identificadas cinco formas, as quais compõem distintos tipos de materiais. (1) Área de descarte que corresponde aos locais em que o lixo doméstico e o material fora de uso e sem serventia é depositado na forma de pequenos montes, formados pelo acúmulo de lixo e varreduras realizadas ao redor da habitação; (2) Área de pilagem que representa o espaço ocupado pela dispersão dos restos orgânicos resultantes de processamento do arroz, por exemplo; (3) Buraco para lixo que são estruturas em quotas negativas com dimensões de 1,5 m de largura x 1,2 m de profundidade, em média;⁵ (4) dejetos, resultante das necessidades fisiológicas dos membros da aldeia, cuja prática geralmente ocorre em meio ao mato alto, distante das unidades habitacionais; (5) Folhas queimadas que resultam da combustão de pequenos aglomerados de folhas secas reunidas durante a limpeza do espaço doméstico (Moi 2007: 120-121).

Exemplos etno-históricos

No que se refere aos dados etno-históricos realizei uma leitura sistemática dos dicionários do Pe. Antonio Ruiz de Montoya, que foi missionário superior nas missões do Paraguai entre 1612 e 1629. Trata-se de dois dicionários (espanhol-Guarani/ Guarani-espanhol) publicados no ano de 1639. Mais de um século após a publicação destes, o Padre Restivo os resumiu no ano de 1893 em um único volume, procu-

5 A questão das covas para deposição de lixo parece ser uma preocupação crescente. Tanto Silva (2008) quanto Moi (2007) indicam que tem sido a FUNAI que tem sugerido aos aldeões para utilizar estruturas em forma de buracos para solucionar o problema do saneamento básico relativo à higiene dos espaços das aldeias.

rando atualizá-los com auxílio de indígenas alfabetizados. O autor apresenta este dicionário de forma resumida do original de Montoya, com alguns comentários e mudanças na grafia das palavras, mas ainda mantendo a estrutura básica do dicionário original. Como forma complementar, esse último dicionário também foi estudado para a sistematização dos dados aqui apresentados.

Antonio Ruiz de Montoya, na visão de Meliá, Saul e Muraro (1987: 27), foi o maior conhecedor da cultura Guarani. O “*Tesoro de la lengua Guarani* contém a maior suma etnológica Guarani já coletada, uma lavra por enquanto muito insuficientemente explorada pelos próprios pesquisadores do Guarani. A partir de “palavras-chave”, com suas conotações e associações, consegue-se levantar quadros sumamente ricos e bastante completos sobre os mais diversos aspectos da cultura Guarani, na sincronia do tempo dos primeiros contatos”.

Ambas as obras que remetem à América colonial e ao período missionário foram utilizadas em várias publicações na área de arqueologia. Destacam-se os trabalhos de La Salvia e Brochado (1989) e Brochado (1991), que buscaram identificar práticas de produção cerâmica, discutindo categorias funcionais e estilo tecnológico das vasilhas no contexto da cultura Guarani e Tupinambá. De forma semelhante Noelli (1993) utilizou-se dos dicionários para identificar contextos de objetos usados no cotidiano, como vasilhas cerâmicas, instrumentos de caça, pesca e coleta, assim como, apontar diferentes funções para as estruturas arquitetônicas do contexto aldeão Guarani. No mesmo sentido, Assis (1996) também utilizou os dicionários para entender as relações de territorialidade em suas diferentes escalas da vida Guarani. Noelli e Brochado (1998), por sua vez, identificaram dezenas de vocábulos nos dicionários referentes às técnicas de produção de cauim, a bebida típica dos “Guarani” utilizada em rituais festivos. Noelli e Dias (1995) também deram uma grande contribuição ao estudo das tecnologias líticas dos grupos Guarani, sugerindo funções para os objetos arqueológicos através dos vocábulos dos dicionários. Soares (1997) buscou nos dicionários identificar vocábulos

indicativos das relações de parentesco condizentes à organização social Guarani. E, mais recentemente, Panachuk e Benedito (2006) identificaram uma série de cores, instrumentos e gestos manuais grafados nos dicionários para pensar as práticas gestuais tradicionais das oleiras Guarani.

Na lógica explicitada nestes trabalhos, o dicionário de Montoya serve como um documento que pode ser usado como a “cristalização” de termos da língua Tupi-Guarani e que podem ser acessados como correlatos linguísticos de comportamentos e significados. Ou seja, a lógica de uso dessas obras é a seguinte: se coisas, ideias e comportamentos têm signos linguísticos específicos é porque eles são relevantes e têm significado cultural, representando seus elementos materiais e imateriais tradicionais. Os signos são representações psíquicas de coisas e fenômenos culturais. São resultantes de relações arbitrárias e da visão particular de mundo dos indivíduos. Sua construção e reprodução é a materialização da imagem sonora percebida pelo indivíduo e/ou pela coletividade (Saussure 2006). Os signos são herdados e resignificados através das gerações, numa dinâmica de modificação dos sons e da grafia que depende de fatores multivariados, como, por exemplo: contatos culturais, conflitos internos da cultura, prestígio social dos indivíduos, existência de estratos sociais e evolução no aparelho acústico-auditivo (Saussure 2006). Nesse sentido, podemos pensar que as palavras ouvidas e grafadas por Montoya somente foram registradas em seu dicionário na medida em que as mesmas faziam sentido imagético no contexto social em que ele viveu. São signos utilizados quotidianamente captados por este grande conhecedor da língua e da cultura Guarani.

Esses signos linguísticos têm sido reproduzidos há centenas de anos devido a característica prescritiva dos Guarani (Noelli 1993, 1997). A literatura arqueológica e antropológica tem demonstrado que estes grupos indígenas têm uma tendência bastante conservadora, a qual se reflete na cultura material, nas representações simbólicas, nos ritos, na forma de organização social e política e, muito claramente, na língua.

Autores como Nimuendajú (1987 [1914]) e Clastres (1974) já chamavam a atenção para o fenômeno estrutural da língua Tupi que apresenta correlações sólidas sugestivas de uma linhagem histórica de longa duração comum aos diferentes grupos Tupi-Guarani. As variações na língua, capturadas e descritas pelos linguistas apenas indicam regionalizações, mas mantendo-se a mesma estrutura linguística.

Nesse estudo específico sobre o caso das áreas de refugio secundário em sítios Guarani buscou-se aqueles vocábulos nos dicionários que dizem respeito ao comportamento de juntar, amontoar objetos, varrer, higienizar, produzir lixo. Dessa forma, foi possível capturar com uma leitura sistemática dos milhares de vocábulos um total de 10 termos com suas variações que indicam exatamente este comportamento relacionado à limpeza e higienização do espaço. Mantivemos nesta lista a mesma grafia encontrada nos dicionários, sendo a primeira palavra (em negrito) escrita em espanhol, seguida das traduções (em itálico) e das referências autorais.

1. Arrojar Basura, personas de plural,

aytĩapĩ, ut: *ñandeyara oñemoyronggatu hape aracañy ramo oitĩapĩy pabete* 1. *amongungui* [solamente aqui, = *omongui de cui* (4) caerse q.v., cfr. *omongucuí* s.v. derribar] (Restivo 1893: 103-104). Arrojar, *Amombo*. ca. *Aitĩapĩ*. ta. *Aitĩ* (*heitĩca*) (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 186).

2. **Basura**, *yĩtĩ*; barrer *aytĩpey*; icoger la basura *aytĩ yara*; arrojarla *aytĩ yĩtĩ* 1. *aĩtĩ reytĩ* (Restivo 1893: 128). *Itĩ* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 209). **Vasura**, *yĩtĩ*: *aytĩpeĩ* barrer; *aytĩ monoó* juntarla; *aytĩyara* cogerla; *aytĩapĩ* arrojarla. (Restivo 1893: 534). *ĩ ti* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 226). **Basura**, **Barrer**, *Aitĩpeĩ*. *Yábó*. l. *bo* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 209).

3. **Basura coger**, *Aitĩ yára*. *pa*. l. *Aitĩ monôô*. *ngã* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 209). **Vasura coger**, *Aytĩ yára* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 226). **Vasura juntar**, *Aytĩ monoô ngã* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 226).

4. **Basura arrojar**, *Aitĩ reytĩ*. ca (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 209)

5. **Barrer**, *Aytĩpeĩ* (*yábo*. l. *ybo*) (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 207). **Barrido**, *Ypeihaguẽ*. l. *ypeĩpĩrẽ* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 207).

6. **Barrer llegando la bassura con tiento**, *ah- aubá itĩpe yábo* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 207). **Barrer llevarlo todo**, *Aytĩ bĩró herahábo*. v. *Pĩ* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 207).

7. **Concabidad en el suelo**, *ĩbĩquára* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 253).

8. **Escoba**, *yĩtĩpeya* 1. *tupicha* [s.v. *Barrer tĩpicha*; Voc. *Tĩpeihá*, *tĩpeichá*] (Restivo 1893: 286). *Tĩpe ihá*. *Tĩpeichá* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 361). **Escobajo de fregar**, *Hĩ pába* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 361).

9. **Limpiar**, *Ay quý tĩngó*. *Ay quýtĩ*. *Aiquĩ aog* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 69). **Limpiar por de dentro**, *Ay pĩ çy mbó*. *Aypĩ çĩ catú*. *Aypĩ quĩt ĩ ngog* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 70). *Poluo limpiar*, *Aytubĩrog* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 145).

10. **Reboluer monte**, *Acaámômýrô* (Montoya, tomo II, 1876 [1640]: 168). **Rebuscar en la basura**, &c. *ahecaheca yĩtĩpe* 1. *aĩtĩpĩeca*; la gallina busca en la basura su comida *oyebĩca bĩca* 1. *oĩbĩebĩca*; buscar [q.v.] y rebuscar batatas *aĩbĩebĩca yetĩ rehe* (Restivo 1893: 466).

Como identificar as áreas de refugio secundário em sítios Guarani

Buscamos neste item algumas contribuições para auxiliar na identificação de áreas de refugio em sítios Guarani. Certamente não há um padrão único para identificação de tais áreas. Vimos pelos exemplos selecionados acima que as mesmas podem ser compostas por diferentes materiais orgânicos e inorgânicos, originada por comportamentos de natureza coletiva e individual, provenientes das habitações e das áreas públicas. Podem ter formatos distintos no terreno como apenas um depósito superficial e raso de materiais. Assim como, esses depósitos secundários podem formar sutis

montículos no terreno ou até mesmo podem ser formados por covas.

Há casos de depósitos de lixo atrás das casas, nas áreas de sepultamentos, dentro e entre as residências, à beira de rios, nos caminhos das aldeias. Pode ocorrer de o lixo depositado ser queimado ou apenas descartado em meio à vegetação rasteira, sem nenhum outro tipo de manuseio. Após um longo período de deposição, queima e decomposição é comum que o solo do terreno dessa área da aldeia venha a ter uma composição de terra preta,⁶ rica em nutrientes e altamente produtiva, sendo comumente utilizada como área de roça ou jardim (Schmidt e Heckenberger 2009). Porém, há casos em que não há notáveis mudanças no solo, o que depende, em parte, da duração e volume dos processos de deposição e do tipo de solo. A conformação desse solo de terra preta é entendida pelos arqueólogos como uma constituição consciente dos grupos no intuito de compor áreas de grande potencial de uso agrícola, sendo a constituição de terra preta uma atividade planejada como forma de manejo dos solos e paisagens (Schmidt e Heckenberger 2009).

Deve-se lembrar de que a deposição dos objetos pode compor um contexto gerado sem o interesse direto em formar um agregado de refugos, sendo resultado de ações isoladas e não-planejadas, como no caso de trânsito de pessoas, movimentação dos objetos pelos animais ou mesmo ações naturais de ordenação variada. O lixo pode ser um espaço de retorno das pessoas, em que ocorre comportamento de reciclagem de materiais, bem como, o espaço de lixeira pode ser entendido como uma área da aldeia onde os animais interagem com os resíduos do consumo humano.

6 Segundo Teixeira et al. (2009: 242): “As cores escuras dos horizontes superficiais ocorrem em razão da elevada concentração de carbono total e elevada concentração de carbono de origem pirogênica (...). Um dos mecanismos mais discutidos na estabilização do carbono das Terra Preta de Índio (TPI) é pelo uso do fogo, que promoveu a conversão de parte da biomassa orgânica em formas recalcitrantes (carvão vegetal *black carbon*). Estas formas de carbono de origem pirogênica são mais estáveis à degradação e de alto poder pigmentante (...)”.

Essa breve caracterização da variabilidade espacial, tipológica, formativa e composicional das lixeiras demonstra que as mesmas são resultado de comportamentos variados e que devem ser avaliados em cada contexto. Em uma análise geral, a variabilidade na composição das áreas de refugo secundário depende de comportamentos relativos ao contexto específico de cada grupo ameríndio em suas relações com a paisagem e o terreno das aldeias. Porém, mesmo compreendendo que haja uma grande variabilidade na constituição de tais áreas, é possível esboçar alguns padrões de conformação das mesmas que devem ser considerados. Devido à natureza dinâmica e material do registro arqueológico, as áreas de refugo secundário nas aldeias Guarani apresentam-se como elementos materiais na paisagem e no terreno das aldeias, sendo, portanto, nas relações de semelhança e diferença de determinados materiais; na relação de ocorrência e inexistência dos vestígios e na morfologia e composição do microespaço que compõe o terreno da aldeia que buscaremos identificar as lixeiras Guarani.

Seguindo a orientação geral de Wilson (1994), deve-se identificar as estruturas de refugo secundário com base na relação de frequência e densidade de materiais no contexto (*cluster*), a localização do mesmo no espaço da aldeia e o tipo de materiais que o compõem.

De modo geral é possível sugerir que:

1) As lixeiras podem ser reconhecidas nos sítios arqueológicos Guarani pela ocorrência de uma grande variabilidade tipológica de artefatos que demonstram diferentes padrões de deposição. É comum a identificação de cerâmicas referentes a vasilhas de distintas funções e estilos, geralmente bastante fragmentadas, com marcas de queima pós-deposicional. Há casos em que o nível de fragmentação das vasilhas cerâmicas não permite avançar na remontagem, devido aos eventos de reutilização, ao pisoteamento e aos processos tafonômicos que envolvem os materiais nas lixeiras. Os materiais líticos geralmente apresentam padrões de desgaste e uso bastante intensos, demonstrando ter chegado ao seu limite de utilização no

quotidiano, sem mais demonstrar potencial de uso em sua função original ou, pelo menos, com baixo potencial.

2) Entre os materiais orgânicos, mais especificamente os vestígios faunísticos ósseos é comum encontrar os mesmos carbonizados e/ou calcinados. Os vestígios botânicos geralmente encontram-se carbonizados, o que gera uma grande quantidade de carvões de diferentes tipos de madeiras e frutos.⁷

3) No que se refere à questão espacial, as lixeiras podem estar localizadas em diferentes pontos do terreno da aldeia, mas, por definição, não é no espaço doméstico das residências que as práticas de refugio secundário se dão de forma mais frequente. Conforme os exemplos apresentados é fora das habitações que as lixeiras ocorrem, mas ainda assim, dentro do espaço da aldeia. Ou seja, em termos de metodologia de pesquisa em campo, é importante que o arqueólogo venha a desenvolver sondagens e prospecções de modo a contemplar uma ampla área do espaço da aldeia. Uma topografia fina do terreno do sítio arqueológico poderia contribuir para identificação de estruturas em quotas positivas ou negativas referentes a estruturas de deposição de refugos. Sugere-se que a intervenção abarque áreas além das habitações, com especial interesse para a área ao fundo das casas, o espaço entre as casas e a área periférica da aldeia.

4) Quanto ao formato das lixeiras as mesmas podem ocorrer apenas como fugazes e rasos vestígios dispersos no solo, assim como pode ocorrer casos em que são constituídos montículos de terra com grande abundância de cultura material refugada. Além disso, covas e camadas homogêneas e superficiais podem também ocorrer, sem que estes vestígios micro-espaciais sejam facilmente percebidos no microrrelevo do terreno.

7 A arqueologia Guarani carece de estudos detalhados sobre as preferências anatômicas que remetem aos padrões de consumo dos animais. Neste caso, é importante que o arqueólogo realize estudos de contextos comparando aos sítios arqueológicos apresentados na literatura, buscando com isso aspectos diferenciais que remetam a padrões de descarte da fauna.

5) Vimos que a decomposição e queima dos refugos nas lixeiras comumente geram um solo de coloração cinza escuro/preto. Este solo pode ser utilizado como espaço para o plantio, portanto, seria comum que estudos de palinologia e análise de fitólitos nessas estruturas indicassem uma quantidade considerável de plantas comestíveis utilizadas pelos grupos indígenas.⁸

O que significam as lixeiras nos sítios Guarani

Identificar lixeiras em sítios arqueológicos, mais especificamente em sítios da cultura Guarani, significa, em primeiro lugar, compreender o espaço das aldeias como áreas heterogêneas em seu sistema de organização espacial. Significa reconhecer que a estática do registro arqueológico é o resultado de um palimpsesto de ações comportamentais dinamizadas no contexto sistêmico. Significa, entre outras questões, que o espaço das aldeias e das áreas domésticas é resultado da estruturação e ordenação cognitiva relativa à socialização da paisagem em suas diferentes escalas e significados (Binford 1973, 1981, 1991 [1983]; Clastres 1974; Schiffer 1972; Noelli 1993; Assis 1996; Silva 2008; Schmidt e Heckenberger 2009).

Wilson (1994) considera que as áreas de lixeira apresentam variáveis que nos fornecem problemas de pesquisa sobre o comportamento dos grupos pré-coloniais. Fatores como diversidade, localização, valor dos artefatos, modo de uso dos artefatos, potencial de reutilização, risco e periculosidade dos materiais depositados podem ser abordados pelo estudo das lixeiras. Essas estruturas indicam comportamentos de deposição de refugos em determinados espaços coletivamente definidos e negociados através de aspectos

8 Pouco se sabe sobre as preferências de plantio e consumo das plantas que teriam sido encontradas nos sítios arqueológicos, sobretudo se pensarmos em termos regionais. Noelli (1993), com base na documentação etno-histórica, fez um levantamento detalhado da fauna e da flora utilizada pelos grupos Guarani, porém, estudos bioarqueológicos não foram ainda realizados em coleções exumadas de sítios arqueológicos.

de socialização. Esses espaços, na medida em que são definidos como lócus de depósito de refugos secundários, passam a ter uma nova dimensão no âmbito das aldeias, sendo um atrativo para novas práticas de deposição de dejetos, constituindo áreas de refugio secundário agregado e/ou depósito de alta densidade (Wilson 1994: 44).

Winklerprins (2009) lembra que a limpeza e descarte de objetos é um fenômeno pan-amazônico e que se estende a diferentes grupos ameríndios da América do Sul, tendo sido um tipo de comportamento comumente descrito em diferentes contextos etnográficos. Desde a limpeza de praças públicas que compõem o espaço das aldeias até a higienização das áreas domésticas, o comportamento de “limpar, amontoar e queimar” é bastante comum entre os grupos ameríndios da América do Sul. A limpeza é um comportamento intrínseco ao processo de socialização do espaço e, além de ser um ato de higienização doméstica e pública, é uma forma de constituir espaços produtivos nos arredores ou mesmo dentro das aldeias. “É um tipo de tecnologia não agressiva (*soft technology*) desenvolvida pelos ameríndios como um jeito de tornar o ambiente mais produtivo” (Wilson 1994: 208).

Compor lixeiras tem um significado sóciocosmológico ainda a ser estudado. Há uma problemática teórica importante sobre a presença das lixeiras nas aldeias Guarani que remete à discussão sobre as agências com relação ao acúmulo de dejetos. As práticas de acúmulo de lixo, consumo e reciclagem reportam ao mundo das agências, às decisões políticas coletivas e individuais, à socialização dos espaços, à ontologia dos artefatos. A determinação dos espaços de acumulação de lixo resulta de um ordenamento espacial estruturado pelas práticas tradicionais da vida na aldeia. Decorre de regras sociais que determinam as ações humanas, havendo, porém, abertura para ações individuais idiossincráticas. Essas relações simétricas entre público/privado, coletivo/individual, agência/estrutura são temas que podem ser abordados pela arqueologia do lixo. São discussões que requerem uma leitura

diferenciada do que foi proposto neste artigo, o qual, por sua vez, foca nas formas, conteúdos e espacialização do lixo.

Considerações finais

Com esse trabalho buscamos contribuir para uma orientação teórica e metodológica para a identificação das lixeiras em sítios Guarani. Rever a literatura foi fundamental para entender como esse tema foi apenas “tangenciado”, por assim dizer, em trabalhos arqueológicos. A raridade deste tema nas publicações pode estar diretamente relacionada à limitação das escavações arqueológicas que, geralmente, em sítios Guarani, não ultrapassam a pontualidade espacial das manchas de terra preta, onde se situam as concentrações de materiais. Nesse sentido, entender os sítios Guarani de forma contextual, estudando a área da aldeia em todas as suas dimensões (área residencial, área entre as habitações, estruturas anexas, praça central e periferia da aldeia, setores especializados) é importante para que se possa ter maiores informações sobre a dinâmica de constituição dos espaços específicos das aldeias.

A analogia etnográfica se mostrou um meio muito rico de demonstrar diferentes formas de ocorrência das lixeiras. Dos contextos etnográficos e etnoarqueológicos vimos que há diferentes tipos de deposição dos resíduos domésticos e públicos, havendo uma variação de comportamento e decisões que geram distintas estruturas de lixeiras. Esses exemplos apresentados servem para pensar que o comportamento de conformação das lixeiras, embora variado, é inerente à convivência entre os indivíduos das aldeias, sendo, talvez, um comportamento estrutural das populações ameríndias. Os dados etno-históricos permitem perceber que vocábulos do século XVII apontam para este comportamento estrutural ainda no início da colonização, sendo um fenômeno da língua que aponta para uma continuidade histórico-linguística de profundidade temporal secular.

Com esses dados que apontam para relações dinâmicas de comportamento podemos

inferir sobre a estática do registro arqueológico. Certamente não há uma regra geral e nem é o intuito desta pesquisa apontar um esquema do tipo *check-list* para a identificação das lixeiras em sítios Guarani. O intuito inicial foi (1) demonstrar que as lixeiras existem no contexto das aldeias Guarani; (2) indicar que são identificáveis no registro arqueológico; (3) trazer alguns parâmetros metodológicos para esta identificação e alguns problemas de pesquisa que podem surgir a partir de seu estudo; (4) reforçar a perspectiva da continuidade histórica direta, importante na arqueologia Guarani desde Brochado (1984), para pensar a história de longa duração das populações Guarani desde

o período pré-colonial; (5) E, por fim, refletir sobre o significado das lixeiras e seu potencial de pesquisa para o entendimento das populações Guarani.

Agradecimentos

Agradeço a Francisco Noelli, Fernando Osório Almeida, Fabíola Silva, Rafael Corteletti, André Soares e Mariana Araújo Neumann pela leitura deste texto. Suas reflexões, contribuições e incentivo foram fundamentais para que este artigo saísse do campo das ideias. O texto, é claro, é de total responsabilidade do autor.

MILHEIRA, R.G. Discard areas in Guarani archaeological sites: the issue of dump. R. *Museu Arq. Etn.*, 24: 3-23, 2014.

Abstract: The issue of secondary refuse disposal areas in Guarani archaeological sites is a theme that the archaeologists have been tangentially approaching in their researches. Many works demonstrate the occurrence of activity areas in Guarani sites that could be defined as deposits of garbage. Such structures are commonly described, even in the international literature, in sites of different pre-colonial cultures. However, in Brazil, there are researchers that do not consider common the cleaning practice of the Guarani households, arguing that the artifacts and foods, after the use and consume, would be refused on the loci activity. I intend, with this work, to demonstrate through ethnographical analogies that these structures are frequent in Guarani sites, as well as, to indicate that its identification is an important factor for the characterization and understanding of the spatial and social aspects of the village life.

Keywords: Guarani archaeology; Archaeology of garbage; refuse disposal area; activity area; cleaning practice.

Referências bibliográficas

Allison, P.M. 1999. Introduction. *The archaeology of household activities*. London: Routledge: 1-18.

Almeida, F.O. 2008. *O Complexo Tupi da Amazônia Oriental*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.

- Alves, A.G. 2010. *Arqueologia Guarani em uma Aldeia no litoral sudoeste da Laguna dos Patos, Sítio PS03 Totó*. Qualificação de Mestrado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, USP.
- Assis, V.S. 1996. *Da Espacialidade Tupi-nambá*. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: Pós-graduação em História, PUCRS.
- Beck, M.E.; Hill Jr, M.E. 2004. Rubbish, relatives, and residence: the family use of middens. *Journal of archaeological method and theory* 11 (3): 297-333.
- Binford, L.R. 1973. Archaeological Systematics and the Study of Culture Process. In: Leone, M.P. (Ed.) *Contemporary Archaeology*. USA: Southern Illinois Press, 125-132.
- Binford, L.R. 1981. Behavioral Archaeology and the Pompeii Premise. *Journal of Anthropological Research* 37: 195-208.
- Binford, L.R. 1991 [1983]. *Em busca do Passado*. s.l.: Europa-América.
- Brochado, J.P. 1984. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Tese de doutorado, Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign.
- Brochado, J.P. 1991. What did the tupinambá cook in their vessels? A humble contribution to ethnographic analogy. *Revista da SAB* 6: 40-89.
- Clastres, P. 1974. *A Sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Ed.
- Fiegenbaum, J. 2009. *Um assentamento Tupiguarani no vale do rio Taquari/RS*. Dissertação de mestrado, São Leopoldo: Pós-graduação em História, UNISINOS.
- Hayden, B.; Cannon, A. 1983. Where the garbage goes: Refuse disposal in the Maya highlands. *Journal of Anthropological Anthropology* 2: 117-163.
- La Salvia, F.; Brochado, J.P. 1989. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato e Cultura.
- Martius, C.F.P V. 1939. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional.
- Meliá, B.; Saul, M.V.A.; Muraro, V.F. 1987. *O Guarani. Uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: Centro de Cultura Misioneira.
- Milheira, R.G. 2008a. *Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, USP.
- Milheira, R.G. 2008b. Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 18: 19-46.
- Milheira, R.G.; Alves, A.G. 2009. O sítio Guarani PT-03-Totó: uma abordagem cultural e sistêmica. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira* 1: 15-42.
- Milheira, R.G.; Ulguim, P.F. 2010. Uma contribuição para a Zooarqueologia em sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Laguna dos Patos, Pelotas-RS: estratégias de assentamento, aspectos alimentares e função de sítio. *Revista CLIO (Série Arqueológica)* 1: 84-107.
- Moi, F.P. 2007. *Os Xerente. Um enfoque etnoarqueológico*. São Paulo; Porto Seguro: Anna-Blume; ACERVO.
- Montoya, A.R. de. 1876 [1640]. *Tesoro y Vocabulário de la Lengua Guarani*. 4 tomos. Leipzig, B.G. Teubner.
- Nimuendajú, C.U. 1987 [1914]. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. Tradução de Emmerich, C.; Viveiros de Castro, E. São Paulo: HUCITEC-EDUSP.

- Noelli, F.S. 1993. *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicada a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: Pós-graduação em História, PUCRS.
- Noelli, F.S. 1996. As hipóteses sobre o centro de origem e expansão dos Tupi. *Revista de Antropologia* 39 (2): 7-54.
- Noelli, F.S. 1997. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA* 21 (26): 113-131.
- Noelli, F.S.; Brochado, J.P. 1998. O cauim e as beberragens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 18: 117-128.
- Noelli, F.S.; Dias, A.S. 1995. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica Guarani. *Revista do CEPA* 19 (22): 7-24.
- Noelli, F.S.; Ferreira, L.M. 2007. A Perspectiva da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. *História, Ciências, Saúde-Mangui-nhos* 4: 1239-1264.
- Panachuk, L.; Benedito, V. 2006. A ciência dos gestos na produção oleira através de fragmentos (Tradição Taquara/Itararé, Sítio Jataizinho-1, Norte do Paraná) Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. Rio Grande, RS (Cd-Rom).
- Rathje, W.; Murphy, C. 1992. *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. New York: Harper-Collins Publishers.
- Restivo, P. 1893. *Lexicon hispano-guaraniticum*. Stuttgart: F. Seybold.
- Rogge, J. H. 2006. Os sítios arqueológicos estudados no litoral central. In: Schmitz, P.I. (Org.) *A ocupação pré-histórica do litoral meridional do Brasil. Pesquisas* 63: 133-178.
- Saussure, F. de. 2006. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Schmidt, M.J.; Heckenberger, M.J. 2009. Amerindian Anthrosols: Amazonian Dark Earth Formation in the Upper Xingu. In: Woods, W.I.; Teixeira, W.G.; Lehmann, J.; Steiner, C.; Winklerprins, A.; Rebellato, L. (Eds.) *Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision*. USA: Springer Science, 163-192.
- Schmitz, P.I.; Artusi, L.; Jacobus, A.; Gazzaneo, M.; Rogge, J.H.; Martin, H.E.; Baumhardt, G. 1990. *Uma Aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. Arqueologia do Rio Grande do Sul*. Documentos 4. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.
- Schiffer, M.B. 1972. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity* 37 (2): 156-165.
- Schiffer, M.B. 1987. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Silva, F.A. 2000a. *A Tecnologia e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica*. Tese de doutorado, São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP.
- Silva, F.A. 2000b. Produção e Uso da Cultura Material e a Formação do Registro Arqueológico: o Exemplo da Cerâmica dos Asuriní do Xingu. *Revista do CEPA*, 24 (32): 59-110.
- Silva, F.A. 2008. Ceramic Technology of the Asuriní do Xingu, Brazil: An Ethnoarchaeological Study of Artifact Variability. *Journal of Archaeological Method and Theory* 15: 217-265.

- Soares, A.L.R. 1997. *Guarani. Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Soares, A.L.R. 2004. *Contribuição para a Arqueologia Guarani*. Tese de Doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, USP.
- Teixeira, W.G.; Martins, G.C.; Macedo, R.S.; Junior, A.F.N.; Moreira, A.; Benites, V. de M.; Steiner, C. 2009. As propriedades físicas e hídricas dos horizontes antrópicos das Terras Pretas de Índio na Amazônia Central. In: Teixeira, W.G.; Kern, D.C.; Madari, B.E.; Lima, H.N.; Woods, W. (Orgs.) *As terras pretas de índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas*. 1 ed. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental: 242-250.
- Winklerprins, A.M.G.A. 2009. Sweep and Char and the Creation of Amazonian Dark Earths in Homegardens. In: Woods, W.I.; Teixeira, W.G.; Lehmann, J.; Steiner, C.; Winklerprins, A.; Rebellato, L. (Eds.) *Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision*. USA, Springer Science, 205-212.
- Wilson, D.C. 1994. Identification and Assessment of Secondary Refuse Aggregates. *Journal of Archaeological Method and Theory* 1: 41-68.